

## MULHER DE BANDIDO: crônica de uma cidade menos musical

ALBA ZALUAR

Quando o tema é criminalidade violenta, onde imperam os bandidos, as mulheres não são os personagens principais. Não são os chefes do negócio (ou não "estão de frente", como dizem na gíria do grupo), que defendem o seu lugar no mundo empresarial do crime pelo uso constante da arma de fogo. Armas, símbolos fálicos por excelência, são assunto de homem e marcam a passagem de uma criminalidade eventual e periférica, para uma carreira neste mundo empresarial violento. Mas isto não quer dizer que as mulheres estejam fora deste mundo. A presença delas é, pelo contrário, diversificada e complexa.

Numericamente, as mulheres participam muito menos do que os homens da criminalidade em geral. Pelos levantamentos que fizemos num bairro popular do Rio de Janeiro, elas não chegam a 25% dos envolvidos com quadrilhas de traficantes (cujo total é de 370 pessoas) e é apenas ligeiramente mais alta a percentagem de mulheres entre os ladrões (cerca de 1500 pessoas no local), sejam eventuais que complementam a renda ou os que vivem do furto e do roubo.

Estes dados não são muito diferentes dos obtidos em penitenciárias de outros países. Na Inglaterra de hoje, por exemplo, os homens têm seis vezes mais chance de terminar numa penitenciária do que as mulheres, os jovens de menos de 21 anos têm cinco vezes mais do que os maiores de 21, e os oriundos da classe operária têm quatro vezes mais possibilidade do que os de classe média (Jones, 1981). Isto pode ser atribuído às políticas públicas mais repressivas em relação aos jovens pobres, mas também às culturas viris que se disseminam entre eles dentro deste quadro institucional.

A maior parte das mulheres "envolvidas", segundo a gíria local, mas que não são contadas como membros das quadrilhas de assaltantes ou traficantes, tem um papel secundário nas atividades delinqüentes. Elas se

especializam em roubar lojas e super-mercados de onde trazem roupas, gêneros alimentícios, bebidas e o que mais for possível para dividir entre elas, ou dar aos seus homens. As mais velhas são muito habilidosas na arte de carregar mercadorias variadas entre as suas pernas e andar pelo supermercado como se nada acontecesse. São as "minas<sup>1</sup> de pisa", porque pisam sem despertar desconfianças. As mais jovens, que não têm esta capacidade de "sair no pisa", entram nos estabelecimentos, enchem as bolsas de mercadoria e saem com elas na cara das caixas e dos seguranças, arriscando a sorte. São conhecidas como "bolseiras". Nenhuma delas é dita nem se diz "bandida", pois não usa arma nem entra na guerra do tráfico. Como afirmou uma bolseira: "a mulher vai, mas vai mais com medo... o homem é mais fácil porque ele pode meter a mão num revólver, pode arrumar guerra. Eu, como mulher não vou fazer isso, que não existe quadrilha<sup>2</sup> de mulher no Rio de Janeiro".

Conheci apenas três mulheres que, sem serem bandidas, ficaram famosas no bairro popular que estudei por sua participação em atividades criminosas: a velha Dadá, dona de boca de fumo desde os anos 60, Suell Brazão, ladra valentona que disputava seus homens a canivete e Dona Erinis, mãe de um preso, que tomava conta da boca de fumo para o filho. As outras (quase todas) confundiam-se com essa massa dos jovens delinqüentes que praticam pequenos furtos e roubos em supermercados, lojas, transeuntes, passageiros etc, ou para complementar o salário baixo (porque muitos trabalham e roubam) ou porque não querem mais trabalhar. Uma massa anônima que pouco frequenta as estatísticas oficiais de criminalidade e as manchetes dos jornais. Mas a relação das mulheres com os bandidos é extremamente complexa e interessante e pode explicar o porquê desta divisão de trabalho no crime.

A velha Dadá<sup>3</sup> pertencia ao mundo da malandragem do passado, quando a venda de drogas não era negócio tão organizado e lucrativo nem disputado à bala. Era tranqüilo, quase que familiar, pois envolvia apenas os muitos vendedores autônomos, o fornecedor que trazia a mercadoria de caminhão e uma freguesia pouca e conhecida. Dona Dadá não se diferenciava das outras mulheres chefes de família, figuras comuns nas classes populares. Com vários filhos de pais diferentes, que criou sozinha, ela estabeleceu o seu negócio sem disputar a boca, sem precisar mandar matar seus concorrentes. Vendia, ao mesmo tempo que outra mulher Dona Maria, para um mesmo fornecedor. Mas se diferenciava das outras mães de famílias *matri-focais* porque convivia com a malandragem e, já velha e maltratada pelos anos, obrigava alguns de seus clientes a fazerem sexo com ela, caso quisessem receber a desejada droga. Era uma mistura da mulher-mãe e do macho que escolhe seus parceiros sexuais e se impõe a eles. Quando a guerra começou a partir de 1977, ela desistiu de vender fumo e entregou a boca

---

<sup>1</sup> "Minas", na gíria local, significa mulheres.

<sup>2</sup> O termo quadrilha só é empregado quando os seus membros andam armados, defendem-se com tiros da polícia, das vítimas, das possíveis testemunhas e dos concorrentes bandidos, e estão em guerra com as outras quadrilhas. Não se usa, portanto, para designar qualquer grupo de pessoas que se junta para realizar eventualmente uma ação criminosa qualquer, como o arrastão, por exemplo, que é muito mais fruto de uma experiência momentânea, contagiante, embora feita em grupo

<sup>3</sup> Os nomes são todos fictícios.

para Zé Pequeno, famoso bandido do bairro Já falecido. Continua viva e hoje já é avó várias vezes.

Sueli Brazão era uma mulher independente, forte e valente que fez fama no bairro na década de 70. Não tinha negócio nem homem permanente. Furtava e roubava com violência para manter sua independência econômica e sempre que o homem com quem estava precisasse. Brigava e cortava à navalha as rivais na disputa pelo amor dos homens que ela escolhia. Era sambista, passista e fogosa. Todos a temiam, homens e mulheres. Do seu modo, evitou que caísse sobre ela a violência que costuma acompanhar as incursões das mulheres nas bocas de fumo, mas ao preço de se tornar parecida com os homens nos métodos que usava para se impor e resolver suas disputas. Fêmea no amor pelos homens e macho na maneira de lutar por eles. Quando a malandragem mudou e a guerra com armas de fogo tornou-se um fato do seu cotidiano, Sueli resolveu endireitar. Casou, teve filhos e é hoje uma respeitável dona de casa.

Dona Erinis entrou no movimento quando o negócio já era sinônimo de guerra, quando, para segurar uma boca de fumo, o chefe não podia mais vacilar, o que perdura até hoje. O "homem de frente" tem que manter todos os seus comandados na linha, tem que olhar para os lados e ver se os seus concorrentes não estão crescendo demasiado, vendendo mais ou melhor e tendo mais gente armada na quadrilha; tem que cuidar do e pagar direito o seu fornecedor, que já não é mais apenas um homem do caminhão. Senão leva banho, tem a sua boca tomada ou é simplesmente morto pelos seus concorrentes de dentro e de fora da quadrilha. Ter arma na cintura, matar para não morrer e pensar apenas no poder de chefe de uma quadrilha de homens são coisas do cotidiano da velha senhora Erinis. Mas ela assumiu o comando apenas quando o seu filho foi preso e o fez para manter a boca de fumo sob o controle dele. É uma mistura também de mulher-mãe e de macho na guerra entre homens. Velha e desdentada, usa a arma até para obrigar um homem a fazer sexo com ela. Sob a mira de um revólver e muito pó, obrigou um viciado a passar todo um fim-de-semana com ela. Dali ele saiu para o hospital. Dona Erinis comanda a quadrilha do seu filho até hoje, arriscando-se diariamente a uma morte violenta.

Estas três mulheres masculinas sempre foram faladas como sendo especiais, diferentes, fora de padrão. Na verdade, elas negam, na história de suas vidas, as trajetórias mais comuns das mulheres que passam ou entram pelo mundo do crime. Conseguiram, entretanto, serem aceitas assim e ficaram famosas no local.

Usualmente, o envolvimento das mulheres começa pelo amor por um bandido ou pelo vício. Começam a furtar para ajudar o namorado ou para pagar a droga. São elas também que escondem as drogas e as armas em casa e que passam a roubar nas lojas para dar roupa bonita e dinheiro aos namorados. Freqüentar a boca e estar metida entre bandidos, no entanto, pode ser entendido como possibilidade de estupro pelos rapazes. A lógica, segundo a fala de bandidos de algumas quadrilhas, é perversa: "deu para o meu irmão", "deu para um", "tem que dar para os outros", "tem que dar para todos". Na "marra".

Mas as outras mulheres não estão livres do perigo, especialmente as bonitinhas, as mais cobiçadas. Ser insinuante, sedutora e vestir-se para ressaltar a beleza do seu corpo é fatal para qualquer mulher do bairro. Namorar muito, e vários homens, é interpretado como comportamento de "piranha". Algumas

das "piranhas" foram curradas por vários rapazes ao mesmo tempo, nas quadrilhas dos "perversos", "maus" e "sanguinários". As outras, estupradas por um apenas. Mas a mulher "sapatão" também está ameaçada. Uma das entrevistas mais difíceis de ouvir foi a que contava a história da lésbica que foi currada por todos os rapazes de uma quadrilha na mesma noite. Essa mulher deixou o bairro e nunca mais voltou.

Alguns dos bandidos vistos localmente como perversos ficaram famosos, como o Maninho Negão, que dizem ter estuprado mais de cem mulheres pobres, remediadas e ricas, durante anos de atividade como estuprador e assaltante. Até hoje, morto há vários anos, desperta nojo nas mulheres do local e provavelmente semeou o ódio pelos jovens pobres nos bairros de classe média adjacentes, onde costumava esperar o marido sair de casa para entrar e estuprar as mulheres. Maninho Negão, no entanto, foi morto na prisão porque havia assassinado um camioneiro, fornecedor de droga importante para as quadrilhas locais.

Entre bandidos, portanto, o comportamento sexual da mulher é controlado de modo rígido e extremamente violento, enquanto que o do homem é comentado com admiração, se as mulheres por ele seduzidas ou violadas são consideradas "piranhas", ou com uma censura meio divertida, meio indignada, quando se trata dos exagerados, dos que estupram qualquer uma ou por qualquer motivo. Os identificados como estupradores o são se o estupro tornou-se um hábito muitas vezes repetido. Só então falam dos que "pegam as filhas dos outros", "não respeitam as famílias".

Se a lei da favela antes condenava radicalmente o estupro e punia rigidamente os seus transgressores, quando a moral familiar predominava, hoje a liberação sexual misturou-se com a violação de tal modo que o estupro, assim como a morte, banalizou-se<sup>4</sup>. Apenas os estupradores contumazes são identifica-dos e algumas vezes expulsos do local ou mortos<sup>5</sup>. É que o bandido acabou com o "respeito" pelo outro que ainda valia na malandragem das décadas passadas, embora alguns esforços tenham sido feitos pela organização que procura politizar e criar uma fachada aceitável para o crime organizado no Rio de Janeiro.

---

<sup>4</sup>Alguns antropólogos, tais como Sahlins (1987) e Dumezil (apud Sahlins) sugeriram uma associação entre o poder exterior à sociedade, que toma os signos da virilidade, e a violação do povo, que fica com os signos da feminilidade. O chefe entre os havaianos, vindo do mar e considerado um deus estrangeiro, recebe simbolicamente uma mulher nativa no ritual de sua entronação. Dumezil, inspirado no rapto das sabinas na formação de Roma, diferencia um poder viril, juvenil e violento que prevalece no início (celéritas) do poder maduro baseado no caráter pacífico e procriativo de um povo estabelecido (grávitats). Os paradoxos e problemas da legitimidade e da força estão presentes no uso feito de estupro de mulheres por um poder violento porque viril.

<sup>5</sup>A quadrilha que mais estuprou no bairro foi a dos "caixa-baixa", um bando de ladrões e assaltantes que entrou em guerra com a quadrilha de traficantes mais poderosa do local por causa das cobranças que esta fazia na divisão do produto do roubo quando os caixa-baixa voltavam para o bairro com objetos valiosos. Com a morte de Zé Pequeno, os caixa-baixa tomaram a boca após violenta luta e foram quase todos mortos durante a guerra subsequente, travada com o Comando Vermelho pelo controle da boca. Eram mal vistos pelos moradores por causa de seu comportamento desrespeitoso. O Comando Vermelho tem uma política de buscar o apoio da população e, por isso também, combate os ladrões locais que atrapalham os negócios da boca. Tem também como regra máxima punir com a morte qualquer delator ou aquele que mata apenas por vingança pessoal. Pune com a morte as pessoas (homens, mulheres, menores) que delatam ou matam por motivos pessoais. Mas não os estupradores.

Mas são os mesmos bandidos que repetem em coro o discurso da mulher sedutora e causadora das disputas entre os homens: "foi por causa de uma mulher que eu entrei para o crime". Muitos falam das inimizades que ganharam por causa de mulher. Todos contam como começou a guerra entre Zé Pequeno e Manoel Galinha, a primeira desencadeada no local, nos bailes que a turma pós-rock hippie passou a realizar. Nestes bailes, finda a ideologia paz e amor, começaram as guerrinhas de quadrilhas e brigas violentas por causa das garotas. Manoel Galinha, trabalhador bonito que tinha uma namorada bonita, despertou a cobiça de Zé Pequeno, chefe de uma quadrilha que só andava armado e expandia os negócios da sua boca com truculência. Queria "mandar geral", ou seja, dominar todas as bocas do bairro. Zé Pequeno, baixinho e feio, não ganhou a moça e vingou-se humilhando Manoel na frente da namorada: deu-lhe um tiro na bunda e agrediu a moça a tapas. Manoel resolveu formar a sua quadrilha também e revidar o ataque. Teve início a guerra que se prolongou por muitos anos e envolveu outras quadrilhas mesmo após a morte destes personagens, matando centenas de jovens (Zaluar, 1985 e 1992)<sup>6</sup>.

Aparentemente o motivo central da disputa - as mulheres - são, no entanto, um elemento a mais para compor o significado da relação entre os homens. Pois é da relação entre homens que se trata. A mesma disputa, feita até a morte, dá-se pelas armas, pelas mercadorias negociadas na boca, pelos objetos roubados. Como disse um jovem "vapor" desiludido entrevistado: "boca é lance de volta, olho grande. Bandido em boca de fumo tem olho grande nas coisas do outro. Até na mulher. Quem matar o cara para ficar com a mulher dele".

Chefe é o que ganha na violência. E muitos jovens inexperientes entraram na guerra por causa da rivalidade que se concretizava em torno da disputa por uma mulher. Por isso, a boca é citada pelos bandidos desiludidos como o lugar da desconfiança e da inimizade, onde não vigora o respeito pelo outro, mas o medo da arma do outro.

É também um mundo extremamente sexuado e viril. Todos os homens andam armados e andar armado é "andar trepado" ou "com o ferro na cintura". Uma das características do bandido, o que acaba por apressar a sua morte, é exibir a arma, ou seja, "botar o revólver para fora". Não usam o verbo roubar, mas o "meter", que é aplicado em caso de furtos de pessoas na rua ou de roubos dentro das casas. Matar alguém é "deitar". Aparentemente, a platéia mais importante destas exposições são as garotas que os homens desejam impressionar com o seu poder e o dinheiro no bolso. Mas são eles os logo apanhados em batidas policiais. Apesar deste fato conhecido, os jovens bandidos não cansam de afirmar que as "minas" gostam de homem que anda de revólver porque se sentem protegidas. As mulheres confirmam: "...aí um vai e bota um revólver na cintura, pensa que tá vencendo, aí ganha um monte de mulher, aí faz filho numa, morre de hoje para amanhã. Às vezes esses mais velhos envolvem as pessoas que não têm nada a ver com isso, aí essas pessoas vão, pensam que vão se dar bem, que vai ser que nem aquele famoso, cheio de mulheres, que vai ter cordãozinho de prata, que vai ter mordomia, vai pro

---

<sup>6</sup> Nesta guerra morreram muitas mulheres, de bala perdida ou de bala endereçada, jovens, meninas, grávidas, algumas assassinadas com requintes de maldade porque desconfiaram de sua delação ou de sua traição, outras sem nenhuma razão aparente. O total de jovens mortos em 15 anos de guerra foi 722

hotelzinho de carro, vai e tal... A maioria das mulheres gosta de bandido... por causa do revólver, se alguém mexer com ela ali, vai comprar barulho...Eu acho que ele está pensando que, está com o ferro na cintura, está com o cordão de ouro, hoje está com um Champion, amanhã está com um (relógio) 200 metros, depois de amanhã com uma máquina calculadora, aí pensa que está vencendo. Aí um belo dia, ele vai assaltar para dar para a mulher dele, aí ele se dá mal”.

Neste jogo da sedução, é importante também a roupa “de marca” e os sinais exteriores de riqueza: cordão de ouro, carro, gastos em motel etc. É o que demonstra que existe dinheiro no bolso, para ser gasto a qualquer hora, porque “mulher não gosta de sufoco”. O jovem diz enveredar pelo crime para fazer presença junto às mulheres, impressioná-las e conquistá-las. Porém, sob o signo da mulher fatal, o feminino se reduz a uma presença que aumenta o prestígio do jovem no bairro. Ir aos bailes cercado de mulher, com dinheiro no bolso para ser cumprimentado por todos e olhado com admiração ou inveja. Ainda aqui o feminino é mero elemento na competição entre os homens.

Contudo, o feminino reaparece sob outros signos. Quando o assunto é prisão, a mulher é outra, parecida com a Amélia, “a mulher de verdade” do malandro carioca<sup>7</sup>. A mulher verdadeira do bandido é aquela que, junto com a mãe e as irmãs, o ajuda na hora do sufoco, quando está na prisão e precisa de dinheiro, advogado, roupas, comida e tudo mais. Como aquela, ela sofre muito pelo seu marido, irmão ou filho. Mas, ao contrário da Amélia, esta mulher dedicada pode vir a roubar, mentir, traficar e até matar (e morrer) se for preciso para ajudar o seu prisioneiro, ou por conluio com o seu narcisismo, ou para salvar-lhe a vida. Não pode, portanto, permanecer no mundo doméstico das preocupações femininas e de seus papéis tradicionais que a Amélia nunca deixou. Vai, mais que à luta, à guerra.

Se a dedicação de algumas pode torná-las cegas para o mal causado pelas ações dos homens que protegem, na fala dos bandidos outras aparecem também como a última ligação com a moralidade. Estas últimas são ao mesmo tempo figuras da proteção e da autoridade. São elas as únicas a impor algum respeito aos bandidos<sup>8</sup>. São elas as que os demovem de continuar nesta vida. A descoberta que a mãe pode fazer sobre a origem do dinheiro trazido para casa, a vergonha e as preocupações subsequentes a esta descoberta, o sofrimento por ter o filho preso fazem parte do discurso moral e sentimental que ouvi dos bandidos quando apresentavam razões para um possível abandono da vida do crime. A mãe na família desestruturada pela ausência da figura paterna<sup>9</sup> pode ser, no entender dos que vivem a opção entre crime e trabalho, um freio para a continuidade na delinquência; a falta de diálogo

---

<sup>7</sup> “Amélia que era a mulher de verdade”, tema de um samba muito famoso e muito cantado durante várias décadas na cidade do Rio de Janeiro, falava de uma mulher sem vaidades. A ampliação do significado de Amélia extrapolou a própria música, passando a designar a mulher que cuida da casa, passa fome e não reclama

<sup>8</sup> Correm muitas histórias entre os moradores e os rapazes envolvidos acerca dessas mulheres respeitadas porque têm autoridade moral. Uma delas, chamada de tia por todos, cuidava de um jardim no meio de uma praça usada para jogar futebol. Os rapazes falam do cuidado que tinham em não deixar a bola cair lá para não deixar estragá-lo

<sup>9</sup> É engano pensar que a principal causa da opção pelo crime esteja na família desestruturada porque não tem o pai como chefe. Das pessoas envolvidas entrevistadas - em torno de 100 - 68% vinham de famílias completas. Apenas em 27% dos casos não havia a figura paterna. Pais distantes, desinteressados ou

com as figuras autoritárias de pais, mestres, policiais e juizes, uma razão apresentada para continuar nela.

A leitura das entrevistas revelou as múltiplas significações do feminino entre os bandidos violentos. Mas revelou também a idéia crítica que a mulher tem destes que, como me definiu uma ex-ladra hoje respeitável mãe de família, não se conformam com o não ter - o "tem, tem; não tem, não tem" - e não querem se submeter a nada e a ninguém - "acham que podem tudo". Nesta definição talvez esteja o nó da questão: o orgulho masculino exacerbado e o seu desejo de poder liberado num contexto histórico de crise moral e institucional, sem limites para um mercado extremamente lucrativo e em expansão - o da droga proibida, porém vista por seus consumidores como parte da boa vida.

Se a distância da figura masculina provoca esta busca desenfreada do ter e do poder através de meios violentos, a teoria psicanalista feminista está correta quando afirma que a identidade masculina convencional - patriarcal, autoritária e machista -, em virtude da omissão do pai na criação do filho, se constitui por uma fuga desenfreada da submissão à mãe e a tudo que ela representa. No caso, a única formação moral que estes jovens tiveram. Está certa também quando sugere que este ser revoltado está longe de ser um sujeito pós-convencional, caracterizado pelo pluralismo e aceitação ou convivência com o outro, que poderia superar o sistema dominante. Muito pelo contrário, ele o repete de vários modos na maneira como concebe a identidade masculina e como se relaciona com o seu outro - as mulheres.

Dizer, neste caso, que a força moral das mulheres vem de sua posição de polícia das famílias (Donzelot, 1977), o que impede a revolta dos homens de se manifestar, é considerar o tráfico de drogas, a guerra e o crime violento como saídas para uma sociedade injusta. Ora, os poderes criados a partir do tráfico são tão assustadores quanto a pior das tiranias e não servem à construção de nenhuma sociedade nova mais justa. Existe hoje um fato inofismável em muitas cidades brasileiras, em especial no Rio de Janeiro: o tráfico de drogas está destroçando a família dos trabalhadores pobres e, na guerra que desencadeia, ceifando a vida de milhares de jovens, principalmente os de cor. Para estes grupos sociais, esta "saída" tem sido auto-destruidora. A teoria de Donzelot revela seu caráter sexista masculino e intelectualmente imperialista pois atribui um caráter negativo às peculiaridades da experiência feminina em torno da casa e da criação dos filhos, enquanto exalta os valores da cobiça, da guerra e da violência, decorrentes da agressividade e do desejo de poder dos homens que faz das mulheres objetos de cobiça e vítimas preferenciais.

No contexto histórico atual, a revolta diante da injustiça e da hipocrisia se perde em violências que fogem à capacidade das pessoas comuns de entendê-las e que passam a ser cada vez mais comumente atribuídas a um mal absoluto, no qual as mulheres são meras coadjuvantes ou

---

autoritários são comuns, no entanto, o que sobrecarrega a mãe com a responsabilidade pela formação moral dos filhos "Minha mãe é que me deu moral", é uma frase comum em bairros pobres. O problema é que o pai, mesmo quando presente, tem relacionamento ruim com o filho(a) por não se importar com ele ou por ser autoritário e avesso ao diálogo. Mesmo assim, não se pode afirmar que o problema esteja exclusivamente na família. Muito pelo contrário. Os pais não são, na sociedade moderna, os únicos responsáveis pela socialização dos seus jovens membros. A crise moral é sobretudo institucional.

vítimas. O ódio de hoje não é mais devotado às bruxas, mas aos bandidos perversos que parecem não conseguir parar a sua ação destrutiva diante de nada. Personagens de Dostoiévski, estes bandidos não aprenderam a lidar com a sua liberdade em tempos modernos, nos quais Deus não existe, ou seja, nos quais os freios morais enfraqueceram e os limites institucionais são injustos, ineficientes ou nulos, como no caso do mercado da droga. A sua independência fantasiosamente absoluta lhes monta a armadilha da morte. Para eles e para os que os cercam.

Embora personagens coadjuvantes nesta tragédia moderna, algumas mulheres pobres conseguem superar os novos papéis sociais que este sistema econômico do tráfico de droga e do crime organizado lhes impõem. Neste mundo violento, junto com as crianças, estão na posição de uma de suas vítimas contumazes. Algumas reafirmam-se como sujeitos ao transformar a si próprias e a suas vidas escolhendo os papéis convencionais do feminino - donas de casa, esposas, mães pacatas. Outras, muito mais raras, tentam escapar da violência enfrentando-a com as suas próprias armas. No processo perdem o feminino e incorporam os atributos do masculino desenvolvidos em tempos de cólera. Como Maria Moura, personagem de Rachel de Queiroz que, na imaginação da escritora, viveu em meio à violência do século XVIII dilemas tão atuais de uma busca só possível ao preço de permanecer na guerra dos homens: "...Nunca se viu mulher resistindo à força contra soldado. Mulher, pra homem como ele, só serve pra dar faniquito. Pois, comigo eles vão ver. E eu sinto que perco a parada, vou-me embora com os meus homens, mas me retiro atirando. E deixo um estrago feio atrás de mim. Vou procurar as terras da Serra dos Padres - e lá pode ser para mim outro começo de vida. Mas garantida com os meus cabras. Pra ninguém mais querer botar o pé no meu pescoço; ou me enforcar num armador de rede".

Recebido em 1º de janeiro de 1993

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DONZELOT, Jacques. *La Police des Familles*. Paris: Éditions de Minuit, 1977.
- BENHABIB, Sheila & CORNELL, Drucilla. *Feminismo como Crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1991.
- JONES, Howard. *Society Against Crime*. Londres: Penguin Books, 1981.
- QUEIROZ, Rachel de. *O Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro: Siciliano, 1992.
- SAHLINS, Marshall. *Island of History*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *A Proibição das Drogas e o Reencantamento do Mal*. Revista do Rio de Janeiro (UERJ), ano 1, n.1, 1992.